

A INFLUÊNCIA DA CULTURA REGIONAL NOS SERVIÇOS TURÍSTICOS DO BAIXO SÃO FRANCISCO

Luciano Campos Reis Junior¹
Randerson dos Santos Almeida²
Carolina de Andrade Spinola³

RESUMO

A cultura, apesar de um conceito abstrato, manifesta-se concretamente por meio de uma série de elementos produzidos por uma determinada sociedade. No âmbito regional, esses traços são evidenciados através de inúmeros artefatos e manifestações que se constituem na matéria-prima do turismo. O presente artigo busca analisar de que maneira os traços da cultura regional, notadamente aqueles relacionados com o movimento do Cangaço, são apropriados pelos serviços turísticos na região do Baixo São Francisco, especialmente nos municípios de Piranhas, Penedo e Piaçabuçu em Alagoas, e Canindé do São Francisco em Sergipe. O estudo se caracteriza como exploratório e, além da revisão bibliográfica, baseia-se em observação de campo realizada durante a V Expedição Rio São Francisco. A identificação dos serviços turísticos atende à classificação seguida pelas Atividades Características do Turismo (ACTs) do Ministério do Turismo. O trabalho conclui que, ainda que de maneira desigual entre os tipos de negócios, os traços da cultura regional se fazem presentes na caracterização dos serviços turísticos, em detrimento de elementos externos.

Palavras-chave: Cultura regional; Serviços turísticos; Baixo São Francisco; Turismo.

ABSTRACT

Culture, in spite of being an abstract concept, manifests concretely through a series of elements produced by a certain society. In the regional scope, these traces are evidenced through numerous artifacts and manifestations that constitute the raw material of tourism. This article analyzes how the characteristics of regional culture are appropriated by tourism services in the Baixo São Francisco region, especially in the municipalities of Piranhas, Penedo and Piaçabuçu in Alagoas, and Canindé do São Francisco in Sergipe. The study is characterized as exploratory and, in addition to the bibliographic review, is based on field research carried out during the V São Francisco Expedition. The identification of tourism services meets the classification followed by the Tourism Characteristics Activities (ACTs) of the Ministry of Tourism. The paper concludes that, although in an unequal way between the types of business, the features of the regional culture, especially the Cangaço, are present in the characterization of tourist services, more significantly than the external elements.

Keywords: Regional culture; Tourist services; Lower São Francisco; Tourism.

JEL: Z32

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano (UNIFACS), Bacharel em Turismo e Hotelaria (UNEB) e membro do Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente (GPTURIS). E-mail: luciannnojr@hotmail.com

² Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano (UNIFACS), Bacharel em Turismo e Hotelaria (UNEB) e membro do Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente (GPTURIS). E-mail: randerson_sa@yahoo.com.br

³ Doutora em Geografia pela Universidade de Barcelona (UB), Espanha. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador – UNIFACS. Membro do grupo de pesquisa em Turismo e Meio Ambiente – GPTURIS. E-mail: carolina.spinola@unifacs.br

1 INTRODUÇÃO

O São Francisco, principal rio brasileiro, possui grande importância para o país, tanto pelo volume de água que transporta em uma região semiárida, como, também, por sua contribuição histórica, visto que sempre foi refúgio para populações assoladas pelas secas, conforme destaca Sampaio (1998). Em seus 2.700 quilômetros de extensão, o Rio São Francisco passa por um total de 507 municípios dos estados de Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (CBHSF, 2017). A área de drenagem de sua bacia, com cerca de 640.000 km², para fins de planejamento, foi dividida em quatro regiões, conforme demonstrado na Figura 1 seguinte:

Figura 1 - Regionalização da Bacia do Rio São Francisco, com destaque para o Baixo São Francisco



Fonte: BRASIL (2006)

Um dos fatores que caracterizam o Rio São Francisco são os diversos usos que o rio possibilita às populações que habitam em suas margens. A respeito delas, inclusive, há que se fazer alguns esclarecimentos. No entorno do Rio São Francisco, existem as chamadas populações ribeirinhas, por vezes vistas, equivocadamente, como um conjunto homogêneo de indivíduos, sendo que são compostas por diversos grupos, dos quais pode-se citar as lavadeiras, os quilombolas, indígenas, pescadores, irrigantes etc. Do rio igualmente dependem os prestadores de serviços turísticos, grupo também diverso, uma vez que inclui guias de turismo, condutores de embarcações, fotógrafos, salvavidas, profissionais da hotelaria e restauração etc.

Essa variedade de grupos sociais, todavia, em se tratando dos municípios do Baixo São Francisco, apresentam elementos culturais comuns, diretamente ligados ao Cangaço e à figura de Lampião. E é a respeito da influência desses elementos culturais que as considerações deste texto estão direcionadas, objetivando identificar como elas se manifestam, uma vez que o turismo tem se consolidado enquanto atividade econômica ascendente entre os usos do rio e, até mesmo, ocupação alternativa dos antigos pescadores que, sobretudo em razão da baixa vazão do rio, têm encontrado no turismo uma nova fonte para seu sustento.

Importante mencionar que as reflexões postas aqui são resultado tanto de revisão bibliográfica, como, também, das observações realizadas no âmbito da V Expedição ao Rio São Francisco⁴.

Em razão da extensão da região do Baixo São Francisco e valendo-se do fato de que muitos desses municípios apresentam representatividade irrisória no âmbito da atividade turística da região – elemento central na análise pretendida neste texto – optou-se por focalizar as considerações sobre os quatro municípios de maior expressão: Piranhas, Penedo e Piaçabuçu em Alagoas, e Canindé do São Francisco em Sergipe. Usou-se como critério para esta seleção a expressividade dos referidos municípios no Cadastur⁵.

⁴ Expedição realizada por um grupo de 9 pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente (GPTURIS), da Universidade Salvador (UNIFACS), entre os dias 3 e 9 de setembro de 2017, onde foram visitados um total de 14 municípios do Baixo São Francisco, nos estados de Alagoas e Sergipe.

⁵ Cadastur é o Sistema de Cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor do turismo. Executado pelo Ministério do Turismo, em parceria com os Órgãos Oficiais de

Ainda no que se refere aos aspectos metodológicos, para abordar os serviços turísticos, utilizou-se as “Atividades Características do Turismo (ACTs)”, classificação utilizada pelo Ministério do Turismo (MTur), com base em orientações da Organização Mundial do Turismo (OMT).

As considerações deste texto estão dispostas em três seções, além dessa Introdução e da Conclusão. Na primeira seção discorre-se, de modo sucinto, sobre as relações entre cultura regional e turismo, abordando, sobretudo, os traços da cultura regional inerentes à região focal desse estudo. Na segunda seção trata-se sobre os serviços turísticos, apresentando um panorama dessas atividades nos quatro municípios abordados neste estudo. Na terceira seção, apresenta-se as formas de apropriação dos elementos relacionados com o movimento do Cangaço, apropriados pelos prestadores de serviços turísticos. Por fim, são tecidas as conclusões e trazidas algumas contribuições a respeito da realidade identificada.

2 CULTURA REGIONAL E TURISMO NO BAIXO SÃO FRANCISCO

A cultura é um forte elemento na formação de uma região, pois “passa a demarcar fronteiras, a estabelecer categorias de pensamento, a justificar as mais diversas ações e atitudes” (SODRÉ, 2005, p.8). Assim, para Oliven (1986) e Fadul (1976) a cultura regional compreende todos os tipos de manifestações que caracterizam a realidade sociocultural de uma dada região.

O turismo apropria-se das diversas formas de manifestações da cultura regional, como matérias-primas de uma indústria que, ao mesmo tempo em que estimula a preservação do patrimônio e a manutenção de representações das tradições locais, também transforma esses bens simbólicos em mercadorias comercializadas em um mercado global.

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas e que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida. O autoconhecimento invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros (CALHOUN apud CASTELLS 2000 p. 22).

Turismo nos 26 Estados do Brasil e no Distrito Federal, permite o acesso a diferentes dados sobre os Prestadores de Serviços Turísticos cadastrados (BRASIL, 2017).

No vale sanfranciscano, são inúmeros os componentes do patrimônio material e imaterial que se constituem em atrativos para o turismo e, como tal, devem ser protegidos e valorizados como elementos distintivos da região. Essa diversidade cultural, de acordo com Sá e Souza (2010) deve-se à multiplicidade de grupos humanos que ali se estabeleceram durante o processo de ocupação e formação territorial.

Tratando especificamente do trecho que compreende o baixo curso do Rio São Francisco, objeto deste artigo, observa-se que a dimensão cultural dessa região é fortemente influenciada pela presença do Rio e pelos vínculos desenvolvidos pelas populações ribeirinhas, que dele retiram o seu sustento e sua inspiração. A partir dessas relações, a região iniciou o processo de formação das suas lendas e contos, rituais, festas religiosas, objetos, artesanato, bordados e meios de subsistência como os cultivos e a pesca artesanal (SERGIPE, 2008).

O grande desafio que reside na influência turística sob a cultura regional está na gestão do processo de constituição de imagens identitárias, para que se promova sua visibilidade, sem que haja o comprometimento de seus elementos formativos.

A expedição realizada à Região evidenciou o sentimento de incerteza de parcela das comunidades estudadas com o que alegam ser um processo de perda de identidade e de deturpação do sentido original de histórias populares causado pela popularização do consumo da cultura regional.

É assim, por exemplo, que a cultura do Cangaço perpassa pelo imaginário popular e nessa pesquisa torna-se uma referência importante da cultura regional. Isso porque, vigorando entre as últimas décadas do século XIX e a primeira metade do século XX, o Cangaço foi um fenômeno social que influenciou fortemente a cultura da região nordeste, sobretudo no sertão (VELASCO, 2014 e FERNANDES, 2015).

Para Velasco (2014) e Fernandes (2015) o Cangaço seria uma forma de protesto social primitiva, associada ao sentimento de insatisfação da população nordestina diante dos privilégios e poderio dos grandes fazendeiros face a uma maioria destituída de condições de sobrevivência.

Com sua indumentária peculiar e razões controversas para seus atos, a figura do cangaceiro é destaque até hoje em diversas localidades, sobretudo nas cidades ribeirinhas do Baixo São Francisco.

A figura do cangaceiro é caracterizada pelo sertanejo sempre em trânsito, com vida seminômade, vivendo em bando e vestindo roupas de couro curtido, armado com rifles, facas (peixeiras) e punhais. Esse tipo de sertanejo carregava consigo tudo de mais importante para a sua sobrevivência, afivelado em seu tronco. Por isso, o nome “cangaço”, atribuído a essa forma de levar pertences e mantimentos, em referência a canga, uma peça de madeira usada para prender o gado a carro ou arado (VELASCO, 2014, s.p.).

Existiram pelo menos três tipos de cangaceiros: os vinculados aos latifundiários, organizados como milícias; os vinculados aos políticos, agindo de forma mercenária; e o terceiro e que de acordo com Velasco (2014) mais se fixou no imaginário popular, eram os “bandidos reprimidos e inimigos públicos” que não possuíam apoio de padrinhos poderosos, dos quais, o mais famoso foi, justamente, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (VELASCO, 2014).

O episódio mais conhecido do Cangaço foi a emboscada ao bando de Lampião, pelas volantes do Governo Federal, em 1938, na Grotta de Angico, localizada no município de Poço Redondo, em Sergipe.

Dos 34 cangaceiros presentes no grupo, onze foram mortos e decapitados no ataque. Os corpos foram destinados aos urubus e as cabeças dos cangaceiros passam serem expostas em praça pública nas cidades do sertão nordestino, como exemplo do destino daqueles que seguiam a vida do cangaço (VELASCO, 2014).

A percepção que se tem é que tal crueldade nessa execução, contribuiu ainda mais para que Lampião se tornasse um mártir no nordeste, haja visto o saudosismo observado em alguns relatos obtido durante a pesquisa de campo, a presença da temática do Cangaço na atividade artesanal e o disputado passeio “Rota do Cangaço”, que reproduz a partir de Piranhas, em Alagoas, o percurso feito pela volante no dia do ataque ao bando de Lampião.

As formas como os serviços turísticos se apropriam deste imaginário e do cotidiano das populações ribeirinhas em sua integração com o rio se constituem no objetivo deste artigo e serão melhor descritas nas próximas seções.

3 PANORAMA DAS ATIVIDADES CARACTERÍSTICAS DO TURISMO (ACTs) NOS MUNICÍPIOS ESTUDADOS

As Atividades Características do Turismo (ACTs) compõem um grupo de oito atividades diretamente ligadas à produção de bens e serviços típicos do turismo, como: alojamento; alimentação; transporte aéreo; transporte terrestre; transporte aquaviário; agências de viagem; aluguel de transporte e cultura e lazer. Este grupo de atividades foi selecionado pelo MTur na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), com base em orientações da OMT, em nível internacional, e da Comissão Nacional de Classificação (CONCLA), aqui no Brasil (COELHO e SAKOWSKI, 2014). Valendo-se da imbricação das ACTs com o fenômeno do turismo como um todo, faz-se uso delas para entender o estado da atividade na região focal deste estudo.

O Baixo São Francisco possui um total de 24 municípios ribeirinhos, sendo 11 Alagoanos e 13 Sergipanos (NASCIMENTO et. al, 2013). Todos esses municípios estão inseridos do Mapa do Turismo Brasileiro (MTB)⁶, todavia, neste texto, se dará maior enfoque aos municípios de Piranhas/AL, Penedo/AL, Piaçabuçu/AL e Canindé do São Francisco/SE, pela sua melhor estruturação no contexto da atividade. O Quadro 1 apresenta a categoria dos municípios selecionados no último levantamento do MPB.

⁶ O Mapa é o instrumento instituído no âmbito do Programa de Regionalização do Turismo que orienta a atuação do Ministério do Turismo no desenvolvimento das políticas públicas, definindo a área - o recorte territorial - que deve ser trabalhada prioritariamente pelo Ministério. A categorização tem como base quatro variáveis objetivas: Número de ocupações formais no setor de hospedagem; Número de estabelecimentos formais no setor de hospedagem; Estimativa do fluxo turístico doméstico; e Estimativa do fluxo turístico internacional. Com base nessas variáveis, os municípios são incluídos em uma das cinco categorias, numa escala que vai de A a E, sendo A os destinos de referência em boas práticas, em sua maioria capitais, e E os destinos de menor estruturação e menor apelo turístico (BRASIL, 2015 e 2017).

Quadro 1 - Categorização segundo o Mapa do Turismo Brasileiro dos municípios em análise

Municípios	Categoria
Penedo/AL	C
Piaçabuçu/AL	D
Piranhas/AL	D
Canindé do São Francisco/SE	D

Fonte: Brasil (2017)

Percebe-se que Penedo é o único município classificado na categoria intermediária, favorecendo o investimento público para seu fortalecimento como destino turístico. Antes mesmo do início dessa classificação, Penedo já se destacava como destino turístico por conta do seu patrimônio histórico e cultural, haja vista o investimento da ordem de doze milhões de reais em obras de revitalização do Programa Monumenta, em virtude de ter sido tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1995, pelo seu conjunto histórico e paisagístico (RAMOS, 2013).

Dentre os municípios listados, além de Penedo, o sítio histórico e paisagístico de Piranhas foi tombado pelo IPHAN, em 2004 (IPHAN, 2014). Porém, por não atender de forma satisfatória os critérios do MTB, o município está classificado na categoria D, mesmo oferecendo um número maior de meios de hospedagem, como veremos na análise do Quadro 2.

Pela proximidade com Penedo (20 km), Piaçabuçu acaba sendo um destino em que os visitantes não pernoitam, mesmo detendo a foz do Rio São Francisco, um dos maiores pontos de interesse turístico da região. O mesmo ocorre com Canindé, uma das principais portas de entrada para os Canyons de Xingó, sua baixa oferta de leitos faz com que Piranhas, há menos de 2 km, se destaque nesse sentido.

Com vistas a aferir o estado atual da oferta de bens e serviços diretamente vinculados ao turismo nos municípios em análise, acredita-se ser relevante lançar mão também de dados do Cadastur. Isto porque, mesmo que preterido por muitos dos empreendimentos turísticos dos diversos destinos do país, trata-se de um cadastro obrigatório a todos aqueles que pretendam atuar

na atividade – sejam pessoas físicas ou jurídicas, sendo condição *sine qua non* para o acesso a benefícios do Estado como apoio em eventos, feiras e ações do MTur, acesso a financiamento por meio de bancos oficiais, participação em programas de qualificação promovidos ou apoiados pelo MTur, além de visibilidade tanto no site do próprio Cadastur, como no Programa Viaje Legal, sendo uma espécie de “selo de qualidade” disponível para consulta do consumidor (BRASIL, 2017).

O Quadro 2 apresenta o número de empreendimentos registrados no Cadastur para os quatro municípios de maior relevância aqui. Vale destacar que o Cadastur elenca doze tipos de empreendimentos/prestadores de serviços turísticos⁷, porém no quadro abaixo são apresentados apenas os cinco em que os municípios em questão têm ao menos um empreendimento. Para facilitar a compreensão, optou-se por utilizar as nomenclaturas das ACTs, aferindo suas respectivas equivalências nos registros do Cadastur.

Quadro 2 - Municípios estudados - Empreendimentos turísticos registrados no Cadastur, 2017

	Penedo/AL	Piaçabuçu/AL	Piranhas/AL	Canindé do São Francisco/SE
Guia de turismo	1	4	16	0
Agência de viagens	2	3	4	3
Meio de hospedagem	7	2	23	2
Empreendimentos de Alimentação	2	3	6	1
Estabelecimentos de transportes	2	1	1	0
Museus	3	1	1	1

Fonte: Adaptado de Brasil (2017)

Um parêntese necessário é que, apesar de os museus não figurarem na lista de equipamentos turísticos nos registros do Cadastur – sobretudo porque os museus, por definição, são atividades sem fins lucrativos, diferentemente

⁷ Guia de turismo, agência de turismo, empreendimento de apoio ao turismo náutico ou pesca desportiva, empreendimento de entretenimento e lazer, locadora de veículos, meio de hospedagem, organizadora de eventos, parque temático, prestador especializado em segmentos turísticos, Restaurantes, cafeterias e bares e transportadora turística, Centro de Convenções, Empreendimento de Entretenimento e Lazer & Parque Aquático, Acampamento turístico, Casa de Espetáculos & Equipamento de Animação Turística e Prestador de infraestrutura de apoio para eventos.

dos demais empreendimentos presentes no cadastro -, optou-se pela inserção deste equipamento junto aos demais no quadro. Isso porque acredita-se que os museus e o teor de seus respectivos acervos auxiliam na análise aqui posta, uma vez que a principal finalidade desse tipo de equipamento é “a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental”, sendo, por isso, também relevante ao cumprimento dos objetivos deste texto (BRASIL, 2009).

Através do Quadro 2 é possível observar que Piranhas apresenta um grande destaque frente os demais no quantitativo de empreendimentos turísticos que possui em praticamente todos os quesitos. Vale destacar os meios de hospedagem, em que Piranhas apresenta 23 empreendimentos cadastrados frente a 7 de Penedo, que ocupa a segunda posição. Em se tratando de guias de turismo a discrepância é semelhante, Piranhas possui 16 profissionais cadastrados, mais de 75% do somatório dos quatro municípios. Apesar desses números, como já observado, Penedo aparece à frente na categorização dos destinos turísticos, com categoria C, os 3 outros municípios são categoria D. Com base nisto, pode-se inferir que os números do Cadastur não refletem com precisão a realidade do nível de estruturação e atratividade dos destinos turísticos.

Com relação à clara discrepância entre os números de Piranhas frente ao dos demais municípios, vale destacar que foi informado, em entrevista, pelo Secretário de Cultura e Turismo do município que desde o início de sua atuação na secretaria, uma das frentes de ação tem sido o estímulo ao registro de todos os empreendimentos turísticos no Cadastur, e isso tem tido resultado⁸. O secretário informou, inclusive, que se pensa em vincular a liberação do alvará de funcionamento ao registro no Cadastur, de modo a incentivar cada vez os empreendimentos do setor a se regularizarem. A meta, ainda segundo o secretário, é ter 100% dos empreendimentos devidamente cadastrados.

Um ponto de estranhamento observado nos critérios metodológicos estabelecidos nos três parâmetros observados: MTB, ACTs e Cadastur, é a ausência de indicadores vinculados diretamente aos atrativos naturais e ao

⁸ Entrevista realizada na sede da Secretaria de Cultura e Turismo (SECULT) de Piranhas, em 04 de setembro de 2017.

potencial histórico, o que certamente favoreceria as cidades selecionadas, sobretudo Piranhas e Penedo.

4 CULTURA REGIONAL E OS SERVIÇOS TURÍSTICOS

Na região em estudo neste texto – não apenas nos municípios eleitos como focais aqui - o Cangaço desponta como elemento cultural de maior proeminência e essa característica tem reflexos na prestação de serviços turísticos, haja vista que os principais produtos dos municípios turísticos do Baixo São Francisco estão diretamente vinculados ao rio e ao Cangaço, quando não a ambos.

Começando por Piranhas, o município é, segundo o Secretário de Cultura e Turismo, o terceiro destino do estado de Alagoas, ficando atrás, apenas, da capital Maceió e de Maragogi. Além do rio e do Cangaço, a arquitetura de seu Centro Histórico e artesanato são chamarizes. Atendo-se ao Cangaço, enquanto elemento da cultura regional escolhido para estudo, o destino possui um museu quase que especificamente dedicado a ele: o Museu do Sertão (Figura 2). O pequeno museu no centro histórico do município fica situado no térreo da antiga estação ferroviária de Piranhas. Seu pequeno acervo dedica-se, sobretudo à figura de Lampião, seu principal representante. Vale destacar que se percebeu alguma inclinação para uma visão heróica dos membros da volante⁹, ao menos no discurso do mediador de nossa visita.

Figura 2 - Museu do Sertão, Piranhas/AL



Fonte: Mattar (2016)

⁹ Grupo policial criado especificamente para a caça de Lampião e seu bando.

É a partir de Piranhas que se pode conhecer o local da morte de Lampião e boa parte de seu bando, a Grota do Angico, em Poço Redondo/SE (Figura 3). São dois os passeios cuja parada final é a Grota do Angico: a “Rota do Cangaço”, roteiro mais longo que atraca em Entremontes/SE e, de lá, segue-se a pé até o local da morte de Lampião; e a “Verdadeira Rota do Cangaço”, que atraca já em Poço Redondo e de lá segue por uma trilha de aproximadamente 700 metros até sua parada final - essa última é a verdadeira rota tomada pela volante em busca do bando de cangaceiros. Em ambas, os visitantes são acompanhados por guias vestidos de cangaceiros que, em seu discurso, apropriam-se efetivamente do personagem, uma vez que se identificam como cangaceiros a fim de remontar tanto quanto possível à história que vem sendo contada, até mesmo para “levar” os visitantes a uma verdadeira viagem temporal.

Figura 3 - Grota do Angico



Fonte: Costa (2013)

Em Canindé do São Francisco/SE essa apropriação de elementos do Cangaço também é vista com bastante força na prestação de serviços turísticos. Isto é percebido com maior clareza no local de maior concentração de visitantes do destino, o bar e restaurante de onde partem as embarcações rumo aos Canyons de Xingó (Figura 4). No local existe até mesmo um heliponto, como uma opção mais sofisticada de passeio, desta vez panorâmico, sobre o rio. Lá os vendedores de *souvenirs*, assim como os fotógrafos dos

catamarãs que fazem o passeio dos canyons, estão vestidos e se identificam como cangaceiros. Acentuando as expressões locais, na entrada dos sanitários tem os dizeres “Homî” e “Muié”.

Na Prainha de Canindé do São Francisco, situada no trajeto entre a sede da Usina Hidrelétrica de Xingó e o referido bar e restaurante, alguns elementos também podem ser identificados, a exemplo das estátuas de Lampião, Maria Bonita e de Zé Leobino (identificado como “o vaqueiro nacional”, por ter feito parte do bando de Lampião). Além disso, vale destacar que no bar situado ao lado das referidas estátuas, são servidas bebidas com nomes exóticos, das quais pode-se citar a cachaça rabo de macaco, anunciada como a cachaça mais forte da região Nordeste, fazendo, também, referência a ideia de “cabra macho” do nordestino, sendo, portanto, uma outra referência identitária regional posta nos serviços turísticos.

Entre os municípios de grande apelo turístico no Baixo São Francisco não se pode deixar de mencionar Piaçabuçu/AL. Situado na Foz do São Francisco, o destino ocupa o lugar de visita quase que obrigatória, por apresentar o encontro do rio com o mar (Figura 5). O trajeto que leva os visitantes até a foz é feito por embarcações pequenas e médias que partem do Terminal Turístico de Piaçabuçu. No local, cerca de 30 embarcações fazem o trajeto, segundo informações de um desses barqueiros¹⁰. Vale mencionar que, além de embarcado, o trajeto até a Foz também pode ser feito por terra, em *buggys* que vão a foz através das dunas.

¹⁰ Entrevistado durante o trajeto de retorno da Foz para o Terminal Turístico de Piaçabuçu, em 08 de setembro de 2017, durante a já citada V Expedição ao Rio São Francisco.

Figura 4 - Foz do São Francisco



Fonte: Os autores (2017)

Na Foz, o comércio de artesanato e de alimentos e bebidas é bastante intenso. No que tange ao artesanato, destacam-se estátuas de Lampião e Maria Bonita, assim como outras peças de produção típica de artesãos ribeirinhos do São Francisco (Figura 7). Essas peças são, em sua maioria, oriundas de artesãos de Carrapicho, no município sergipano de Santana do São Francisco/SE, valendo destacar as peças do artista Beto Pezão, famoso por esculpir peças com os pés, desproporcionalmente maiores que o resto do corpo, sendo seu traço característico. Além das estátuas de Beto Pezão, existem ainda vasos em argila de outros artistas¹¹, cestos de licuri e afins.

¹¹ Válido mencionar que, durante passagem por Carrapicho, também durante a Expedição, visitou-se alguns ateliês, entre eles o de Beto Pezão, e surpreendeu o fato de que, apesar de estarem expostas várias peças nas prateleiras e até mesmo no chão dos ateliês visitados, quase a totalidade das peças já estava encomendada, algumas por particulares, mas a maioria delas por autônomos que as revenderiam em locais de grande movimentação turística, como o Terminal Turístico de Piaçabuçu, a feira de Penedo e a Foz do Rio São Francisco, nas dunas da margem de Alagoas, em Piaçabuçu.

Figura 5 - Barracas de comida na Foz do Rio São Francisco



Fonte: Os autores (2017)

Figura 6 - Artesanato na Foz do Rio São Francisco



Fonte: Os autores (2017)

Essa apropriação e venda de peças produzidas localmente deve ser bastante valorada, sobretudo porque em muitos centros de artesanato em destinos turísticos do país as peças vendidas são, em sua maioria, importadas de lugares que, muitas vezes nada têm a ver com a cultura e as tradições locais – a exemplo das tradicionais fitinhas do Bonfim, adereço tipicamente baiano que é produzido, em sua grande maioria, em Sumaré/SP.

Outro destino que cabe destaque aqui é Penedo/AL, o mais bem classificado entre os municípios turísticos do Baixo São Francisco, com categoria C. Munido de uma melhor infraestrutura que os demais municípios já citados, Penedo carrega os louros de ter sido o primeiro povoado de Alagoas, fundado oficialmente em 1560. Sampaio (1998) reforça a relevância da cidade

em dois aspectos, sendo o primeiro pelo fato de ter sido palco da invasão, permanência e posterior expulsão dos holandeses do território brasileiro. Por outro lado, Penedo também mostra sua importância por ter sido refúgio de populações retirantes, tanto que, no final do século XIX, quando da passagem de Theodoro Sampaio e comitiva pelo município, notou-se que “a população da cidade estava muito aumentada (sic) com a gente emigrada dos sertões assolados pela seca” (SAMPAIO, 1998, p. 11). Entre os municípios observados, Penedo possui a maior população, com mais de 60 mil habitantes frente aos, aproximadamente, 17 mil de Piaçabuçu, 23 mil de Piranhas e 24 mil de Canindé do São Francisco (IBGE, 2017).

Em se tratando de turismo, o apelo de Penedo se deve, em muito, ao seu aspecto histórico, seus casarões antigos e seu centro histórico como um todo, assim como, evidentemente, sua proximidade com o rio São Francisco (Figura 8). Para além dos traços arquitetônicos presentes nos casarões do Centro Histórico de Penedo, remontando ao período colonial em que foram construídos, não se percebe no município uma presença muito forte do imaginário do Cangaço em seu apelo turístico, ao menos não pelos prestadores de serviços turísticos. A exemplo da feira de Penedo, que, apesar de apresentar grande variedade de iguarias, peças de artesanato e demais itens dos mais diversos, esta se assemelha ao que se costuma ver em outras feiras, como a de São Joaquim, em Salvador, por exemplo. A curiosa exceção foi um vendedor de doces encontrado na balsa que faz a travessia de pedestres e veículos entre Santana do São Francisco e Penedo¹². Esse personagem vendia doces dos mais diversos, entre eles a “bala que matou Lampião”, bala de leite que recebeu essa alcunha em clara referência à morte do cangaceiro.

¹² No dia 07 de setembro de 2017

Figura 7 - Vista aérea de Penedo/AL



Fonte: Sipeal Penedo (2017)

Percebe-se que o artesanato e os serviços associados aos roteiros turísticos (nas figuras dos guias turísticos e empresas de transporte) são as atividades que mais exploram o imaginário do Cangaço, enquanto elemento cultural da região.

5 CONCLUSÃO

Mesmo ameaçado, o Rio São Francisco continua sendo um importante elemento de integração nacional que garante a sobrevivência de várias populações ribeirinhas diante dos múltiplos usos que oferece. Depois de percorrer mais de 2.000 quilômetros e passar por vários estados, antes de desaguar no Atlântico, entre Alagoas e Sergipe, o “Velho Chico” chega ao seu baixo curso ainda como um gigante, gerando energia e sendo elo de ligação dos diversos componentes da cultura local.

A apropriação da cultura regional pelo turismo, notadamente no que se refere aos elementos relacionados com o movimento do Cangaço, no Baixo São Francisco foi o objeto desse estudo. Tendo como ponto de partida as observações captadas durante a V Expedição ao Rio São Francisco, que sem a intenção de esgotar o tema, foi direcionada para as cidades de Piranhas, Penedo e Piaçabuçu em Alagoas, e Canindé do São Francisco em Sergipe.

Além de terem feito parte do roteiro da Expedição, outros critérios foram adotados para a seleção dessas cidades, como serem categorizadas no Mapa de Turismo Brasileiro (MTB), apresentar número considerável de equipamentos registrados no Cadastur, tendo como classificação as Atividades Características do Turismo (ACTs).

Sobre os critérios metodológicos selecionados para guiar essa observação, percebeu-se que o MTB, Cadastur e ACTs não levam em consideração elementos culturais – materiais e imateriais, em seus itens de análise. Museus, igrejas, centros culturais, edificações tombadas, artesanato e outros elementos não são mensurados para a formação de indicadores da atividade turística nos destinos. Nesse sentido, recomenda-se uma revisão nos itens de análise dos critérios citados tendo em vista que o fator cultural é fundamental na caracterização e escolha de um destino turístico.

Mesmo assim, os aspectos apresentados neste estudo permitiram concluir que há uma forte influência do imaginário do Cangaço nos serviços turísticos da região, quer seja nos objetos artesanais, na indumentária e no modo de falar dos atendentes, na decoração ou na gastronomia típica.

Além dos aspectos relacionados com o Cangaço, outros elementos importantes da cultura regional estão presentes nos roteiros comercializados, a exemplo do Redendê, bordado típico de Entremontes – distrito de Piranhas/AL e o artesanato, de barro e de madeira, com temas relacionados à vida cotidiana dos sertanejos ribeirinhos, como por exemplo a caracterização estilizada do pescador artesanal; os animais da região e obviamente no campo da religiosidade, as diversas forma e imagens do santo Francisco.

Considera-se que a apropriação desses elementos pelo turismo local é extremamente positiva tanto para a formatação de um produto diferenciado no mercado como para a preservação da história e de ofícios e manifestações tradicionais mas o gerenciamento deste processo, contudo, deve garantir que os interesses econômicos associados à atividade não desvirtuem as referências identitárias das comunidades.

Outra grande preocupação é quanto à distribuição dos resultados trazidos pelo turismo. Na região visitada, ainda percebe-se uma relativa concentração dos serviços turísticos em torno de poucas empresas,

notadamente no que se refere à operacionalização dos passeios pelos Canyons de Xingó e na Rota do Cangaço. Recomenda-se que haja um maior fomento ao empreendedorismo, possibilitando o surgimento de novas iniciativas que contribuam para a disseminação dos elementos da cultura regional, da renda e das ocupações geradas pela atividade.

REFERÊNCIAS

BANDUCCI JR, Álvaro e BARRETTO, Margarita (Org.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas SP: Papyrus, 2001.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Atlas econômico da cultura brasileira: metodologia I**. VALIATI, Leandro; FIALHO, Ana Letícia do Nascimento (Org.). Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2017. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/obec/pubs/CEGOV%20-%202017%20-%20Atlas%20volume%201%20digital.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Municípios são agrupados em cinco categorias**. Brasília: MTur, 25 ago. 2015. Disponível em: <2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O EMPREENDEDORISMO....doc>. Acesso em: 01 nov. 2017.

_____. **Sobre o Cadastur**. Brasília: MTur, 2017. Disponível em: <<http://www.cadastur.turismo.gov.br/cadastur/SobreCadastur.mtur>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

_____. Agência Nacional de Águas. **Região Hidrográfica do São Francisco**. Brasília: ANA, 2006. Disponível em: <<http://www3.ana.gov.br/portal/ANA/as-12-regioes-hidrograficas-brasileiras/sao-francisco>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

CÂMARA, Yzy Maria Rabelo. Maria Bonita e Dadá: uma breve releitura do cangaço por meio da presença determinante do elemento feminino. **Revista Entrelaces**, Ano IV, n. 5, maio 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23384/1/2015_art_yrcamaraymrca_mara.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO. **A Bacia - Principais Características**. S.I.: Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<http://cbhsaofrancisco.org.br/2017/a-bacia/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

_____. **O CBHSF**. S.I.: Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<http://cbhsaofrancisco.org.br/2017/o-cbhsf/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

COELHO, Margarida Hatem Pinto; SAKOWSKI, Patrícia A. Morita. **Perfil da mão de obra do turismo no Brasil nas Atividades Características do Turismo e em ocupações**. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/extrator/arquivos/td_1938.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2017.

COSTA, Waldson. **Na Rota do Cangaço, turistas fazem o trajeto da volante que matou Lampião**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/09/na-rota-do-cangaco-turistas-fazem-o-trajeto-da-volante-que-matou-lampiao.html>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

FADUL, Anamaria. **Decadência da cultura regional: a influência do rádio e da TV**. In: MELO, José Marques de (Org.). Comunicação/incomunicação no Brasil. São Paulo: Loyola, 1976.

FERNANDES, Cláudio. **Cangaço**, 2015. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/cangaco.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (IBGE). **IBGE Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 2. ed. rev. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Piranhas (AL)**. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/111>>. Acesso em 20 nov. 2017.

MATTAR, Raul. **Piranhas, Alagoas: o que fazer na cidade que virou referência para a história do cangaço**. 2016. Disponível em: <<http://www.matraqueando.com.br/piranhas-alagoas-a-cidade-que-virou-referencia-para-a-historia-do-cangaco>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

NASCIMENTO, Melchior Carlos do; RIBEIRO JUNIOR, Carlos Eduardo; AGUIAR NETTO, Antenor de Oliveira. **Relatório técnico da campanha de avaliação das mudanças socioambientais decorrentes da regularização das vazões no baixo Rio São Francisco**. Maceió: CBHSF, 2013.

OLIVEN, Ruben George. O nacional e o regional na construção da identidade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: Cortez/ANPOCS, v.1, n.2, 1986.

RAMOS, Silvana Pirillo. Programa Monumenta em Penedo (Alagoas, Brasil): A Pobreza como entrave na Revitalização do Patrimônio Cultural. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 364-387, abr. 2013.

SÁ, Natália Coimbra de; SOUZA, Regina Celeste de Almeida. Culturas Regionais no Rio São Francisco: perspectivas de análise do Samba de Vêio. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, ano XII, Ed. Esp. p. 41, dez. 2010. Disponível em: <3 DIAGNÓSTICO TURÍSTICO DOS IMPACTOS SOCIOCULTURAIS NA APA DE PIAÇABUÇU-AL... - Fabiana Lima.docx>. Acesso em: 28 nov. 2017.

SAMPAIO, Theodoro. **O rio de São Francisco e a Chapada Diamantina: trechos de um diário de viagem**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1998.

SERGIPE TURISMO. **Restaurante Karrancas**, 2016. Disponível em: <<http://www.sergipeturismo.com/restaurante-karrancas/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SERGIPE. Secretaria de Estado do Planejamento. **Plano de Desenvolvimento do Território do Baixo São Francisco Sergipano**, 2008. Disponível em: <http://www.observatorio.se.gov.br/images/Geografia_e_Cartografia/Planejamento_e_gestao_de_Polit_pub/Planos%20de%20Desenvolvimento%20dos%20Terit%C3%B3rios/baixo_sao_francisco.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Estudos Sobre Literatura, Cultura e Turismo. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Identidade Cultural e Expressões Regionais Estudos sobre Literatura, Cultura e Turismo**. Ilhéus: Editus, 2006. 434p.

SIPEAL PENEDO. **Vista Aérea do Conjunto Arquitetônico do Município de Penedo-AL**, 2017. Disponível em: <<https://sipealpenedo.wordpress.com/penedo/panoramica-do-municipio-f-01-vista-aerea-do-conjunto-arquitetonico-do-municipio-penedo-al-2/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida - Por um conceito de cultura no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005, 165 p.

VELASCO, Valquiria. **Cangaço**, 2014. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/cangaco/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.